

Consórcio de Imprensa para dados de covid-19: ferramentas digitais como impulsionadoras da cultura da colaboração no jornalismo

Marlise Viegas Brenol

Universidade de Brasília, Departamento de Comunicação Organizacional, Brasília, DF, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6245-3916>

Carlos Augusto de França Rocha Júnior

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Porto Alegre, RS, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5207-6689>

Resumo

O artigo aborda a formação do Consórcio de Imprensa para dados de covid-19 no Brasil, quando em junho de 2020, um grupo de veículos se reuniu em trabalho colaborativo para suprir a ausência de informações do Ministério da Saúde. A metodologia é a análise categorial do conteúdo de entrevistas semiestruturadas com três jornalistas que estiveram na liderança da operação do consórcio nas suas respectivas redações, O Estado de São Paulo, G1 e Folha de S. Paulo. Os conceitos teóricos passam pela transparência de Estado na democracia e na imprensa e pela colaboração no jornalismo. O objetivo é identificar como o trabalho do consórcio foi operacionalizado destacando a intersecção de ferramentas digitais e a prática da produção colaborativa no jornalismo de dados. O resultado aponta para a centralidade de ferramentas digitais em nuvem para a colaboração no jornalismo.

Palavras-chave

ferramentas digitais transparência pública digital; consórcio de imprensa; pandemia de covid-19; jornalismo de dados

1 Introdução

A pandemia de coronavírus covid-19 ficou mundialmente conhecida na virada do ano de 2019 para 2020, no século XXI. Em março de 2020 os primeiros diagnósticos de infectados começaram a ser divulgados pela imprensa brasileira. A primeira morte foi anunciada em 17 de março de 2020 e, mais tarde, após confirmação de exames, a data foi alterada para 12 de março (SP1, 2021).

A situação pandêmica direcionou as atenções da população brasileira para as notícias e informações da mídia, em busca de orientações atualizadas, bem como dados estatísticos que pudessem guiar decisões sobre a saúde individual, familiar e coletiva. Um levantamento do Kantar Ibope Media apontou que 11 dos 20 maiores picos de audiência na televisão aberta em cinco anos foram em março e em abril de 2020 (Bouças, abril, 2020).

Os dados sobre a pandemia passaram a ter um protagonismo importante. As informações sobre o número de casos da doença, o número de pacientes internados, a taxa de ocupação de leitos, as regiões do país mais e menos afetadas eram utilizadas pelos jornalistas para contextualizar os fatos diários associados ao acontecimento. Via de regra, como a pandemia afetava o país como um todo, a fonte oficial para dados de covid-19 passou a ser o DataSUS, do Ministério da Saúde. O órgão inclusive publicou um site com o painel de dados sobre a doença em um primeiro momento.

A disputa por dados sobre a população esteve no centro da cobertura de imprensa ao ponto de o ex-presidente Bolsonaro comentar uma mudança de horário na divulgação dos dados com a frase “Acabou matéria no Jornal Nacional” (Garcia, 2020). Os episódios de atrasos, ocultação e despublicação de dados pelo Ministério da Saúde motivaram a reunião de veículos de imprensa concorrentes em um consórcio para o levantamento conjunto de dados sobre a pandemia de covid-19.

A parceria que envolveu o grupo O Globo (TVs e jornal O Globo, Extra, G1), O Estado de São Paulo, Folha de S.Paulo e UOL foi anunciada em oito de junho de 2020 com nota oficial para dar início ao trabalho “[...] de forma colaborativa para buscar as informações necessárias nos 26 estados e no Distrito Federal” (G1, 2020). O consórcio é o objeto de análise deste artigo. Com o objetivo de compreender como operou o arranjo colaborativo entre redações, com destaque para o uso das ferramentas digitais e a produção conjunta, realizamos três

entrevistas com jornalistas que coordenavam a operação de apuração de dados nas redações na época.

O instrumento metodológico adotado foi a entrevista semiestruturada e a interpretação das falas está associada à análise de conteúdo categorial. Antes da descrição da trajetória metodológica, análise, discussão e resultados, vamos abordar os conceitos teóricos que embasam o artigo. Para verificar como ferramentas digitais de produção e apuração foram usadas para a prática colaborativa no consórcio de imprensa para dados de covid-19, nos associamos aos conceitos de transparência digital e de jornalismo colaborativo e de dados. A investigação foi desenvolvida a partir de entrevistas semiestruturadas com três jornalistas que participaram ativamente na operação do Consórcio.

2 Transparência

O tema proposto neste artigo remete para conceitos derivados do pensamento foucaultiano sobre o biopoder. Para o autor, o conceito está diretamente relacionado ao governo que se afasta da sabedoria e verdade absolutas de um líder e se aproxima da racionalidade para tratar os problemas sociais. A biopolítica é, portanto, entendida como um modo de dar razão a problemas sociais associados a “[...] fenômenos específicos de um grupo de seres vivos constituídos em população: saúde, higiene, natalidade, longevidade” (Foucault, 2021, p. 393) e todas as questões políticas e econômicas que estes problemas suscitam.

No jogo democrático do poder moderno, a mentalidade de governo estabelece regras próprias. Para Bobbio (2015a) há regras bem estabelecidas, entre elas, o governo dos técnicos, a eliminação do poder invisível, tendo a transparência como regra, e a pluralidade social. Nessa dimensão, Bobbio (2015b) refere-se à passagem da economia familiar para a economia de mercado, e do mercado para uma economia protegida, regulada, planejada pelo Estado. Essa dimensão aumentou a demanda por competências técnicas, já que o projeto político se mostrou incapaz de suprir as novas necessidades, recorrendo a especialistas (Porter, 2003). Os especialistas são aqueles que atribuem metodologia para elaboração de informações permitindo uma tomada de decisão mais racional e menos pessoal.

O Estado moderno de cunho administrativo passa a focar no indivíduo como um cidadão com direitos e deveres e para conhecê-lo produz informações populacionais. Essas informações são de base estatística, ou seja, produzem perfis populacionais sobre os quais a sociedade passa a estabelecer padrões de comportamento e de desenvolvimento

socioeconômico. Koopman (2018) no estudo da genealogia do infopoder identifica um marco na primeira metade do século XX, próximo a 1930, quando dados “[...] começaram a definir explicitamente nossa subjetividade em formas cotidianas como certidões de nascimento, números de registro nacional, inventários psicométricos, informações genéticas e relatórios financeiros que podem ser vistos em pontuações de crédito” (Koopman, 2018, p. 105).

Outra regra democrática desafiadora é a eliminação do poder invisível, embasada na convicção de que o governo democrático poderia deixar-se ver pelos governados. As estatísticas populacionais são uma das formas do governo tornar-se visível, pois o conhecimento sobre a sociedade dá a ver a evolução de políticas públicas adotadas historicamente num determinado Estado-nação. Só é possível conhecer as estatísticas populacionais por meio da publicidade, um dos princípios constitucionais que normatizam o valor da transparência para a democracia. Este preceito tornou-se mais exequível na perspectiva das tecnologias digitais que possibilitam interações e acesso a informações e oferecem recursos de participação e deliberação por meio de interfaces online (Almada *et al.*, 2019), em especial, a partir da conectividade e das implementações de políticas de transparência em governo democráticos como no Brasil.

Como argumenta Fenster (2015), os ideais da teoria política estipulam que quanto mais visível é o governo, mais é percebido como democrático, responsável e legítimo. Portanto, para Fenster a transparência pode ser melhor entendida como uma teoria da comunicação que simplifica excessivamente o funcionamento do Estado e, ao mesmo tempo, mostra a incapacidade do Estado de controlar a informação.

As políticas de dados abertos, por outro lado, defendem que arquivos digitalizados, legíveis por máquinas e aptos a serem transformados por *softwares* em gráficos de visualização podem superar os entraves das leis de acesso que dependem de mediação humana e vontade política, o que muitas vezes trava o processo. Noveck (2016, 2018) defende que a era da Big Data propiciará a abertura de dados para que as ferramentas de acesso a dados permitam aumentar a prestação de contas governamental, ajudando a monitorar as ações do governo e prevenir a corrupção.

No Brasil, houve uma evolução importante na disponibilização de dados por meios digitais desde meados dos anos 2000, intensificada em 2012 quando a Lei de Acesso à Informação (LAI) entrou em vigor (Brenol, 2021). A norma, que regulamenta o direito do cidadão de acessar informações públicas, prevê que os órgãos dos âmbitos municipais,

estaduais e federais desenvolvam sites para transparência ativa (portais de transparência) e para transparência passiva (serviços de atendimento ao cidadão, o e-Sic).

As políticas de transparência pública, a evolução das tecnologias digitais e o desenvolvimento de habilidades e competências específicas possibilitaram especializações de práticas profissionais, como o caso do jornalismo de dados. Em uma análise temática de 100 textos jornalísticos, Brenol e Weber (2020) identificaram que os repórteres utilizam jornalismo de dados majoritariamente para cobertura de pautas políticas, no sentido de fiscalização do poder.

Para as autoras, a implementação das políticas de transparência digital no Brasil atribuiu ao jornalista uma maior autonomia no acesso, leitura e interpretação das informações de Estado. Apesar de percalços como a publicação de dados inconsistentes, demora nas respostas e ausência de dados solicitados, as políticas de transparência, em especial a LAI, tornaram-se aliadas da qualidade e objetividade na apuração jornalística.

3 Jornalismo de dados e colaboração

Compreender o trabalho jornalístico é refletir sobre a dualidade que, para Traquina (2005), está entre o negócio e o serviço público e para Charaudeau (2006), entre as visadas de informação (cidadão) e de captação (comercial). Em perspectivas técnica e discursiva a dualidade do jornalismo está ligada a profissionalização, encampada por uma comunidade de profissionais que apontam valores relacionados a um ethos como identidade profissional que envolve acordos e disputas.

Traquina (2005) situa a comunidade jornalística como grupo unido pelas interpretações partilhadas da realidade: a tribo. Os jornalistas possuem um enquadramento de referência para trabalhar e que é partilhado entre os profissionais como crenças e estruturas, cognitivas, perceptivas e avaliativas. “O termo ‘tribo’ tem o mesmo significado da expressão ‘comunidade interpretativa’ mas preferimos o termo por seu uso metafórico” (Traquina, 2005, p. 24). Este uso metafórico está relacionado à lógica do concreto no trabalho diário, que é uma marca dos jornalistas.

Esta identidade profissional organizada como ethos, para Traquina (2005), está relacionada diretamente à cultura jornalística como mito, o que não quer dizer uma fantasia mas como sistemas de consciência sobre a organização e a prática jornalística. Pelo imediatismo, que foca em relatos sobre acontecimentos atuais e que sejam retratos de fatos

da realidade, ou o olhar focado no agir sobre estes acontecimentos há a elaboração e o reforço de uma cultura jornalística que estabelece enquadramentos de referência como o polo ideológico e o polo econômico.

No contexto de digitalização da informação há mais possibilidades relacionais pelo uso de tecnologias conectadas à internet e com isso houve um incremento para a criação de formatos voltados para a veiculação de notícias em ambiente digital e também para a produção de informações com participação do público. Barbosa (2007) esmiuça a criação de conteúdo baseada em uma nova sociabilidade que se faz representar na busca pela informação que leva as pessoas a acessarem a rede e participarem do trabalho informativo.

Träsel (2021) identificou um grupo de jornalistas com um ethos específico que constitui um sentido de tribo: jornalistas que aliam o entusiasmo tecnológico, a cooperação e habilidades com interpretação de dados. Esse grupo pratica uma técnica jornalística que o autor chama de “entrevista com planilha de dados”, citando o caso da denúncia, em 2008, sobre gastos em cartões corporativos do governo federal. A consulta ao Portal da Transparência do Governo Federal à época mostrou gastos pessoais por meio de um instrumento público. “Os resultados de uma investigação em bases de dados muitas vezes são o próprio acontecimento e assumem o papel de fios condutores da narrativa” (Träsel, 2021, p. 43).

Essa nova dinâmica aproxima o jornalismo das tecnologias digitais e do que Träsel (2018) chama de uma ética *hacker*, caracterizada pela tecnofilia, ou seja, o entusiasmo por inovações tecnológicas que envolvem o uso de ferramentas e sistemas digitais, e cooperativismo, neste caso, a colaboração em rede propiciada pela internet. Portanto, estes valores originais da cultura *hacker* se manifestaram no ethos dos profissionais de Jornalismo Guiado por Dados, até para possibilitar o diálogo com áreas complementares do saber como a da ciências da computação. O cooperativismo pode se manifestar em colaboração de leitores em redações, entre repórteres em pautas semelhantes, e, mais recentemente, na perspectiva de colaboração entre pares e entre veículos.

Essa prática se insere em um mercado jornalístico cada vez mais globalizado e concorrido, o que impõe um desafio para o modelo de negócio das empresas de mídia que perderam verbas de publicidade e tiveram quedas significativas na audiência com a internet e, mais especificamente, com a plataformização da imprensa (Bell *et al.*, 2017). A colaboração, na perspectiva tecnológica ou do negócio em si, pode ser observada como uma reação da

indústria jornalística visando sobreviver e prosperar. Ramos (2023) defende a tese de que veículos jornalísticos podem oferecer em conjunto um produto maior e melhor com custos menores, pois juntos podem buscar apoios para publicidade e outros recursos de financiamento, em especial, os veículos regionais e por proximidade de atuação.

Muitas pesquisas em jornalismo digital indicam que há caminhos possíveis “[...] hardware e softwares têm mostrado que quando usados de forma adequada permitem formatos e produtos inovadores a partir de boas práticas” (Vasquez-Herrero *et al.*, 2022, p. 23). Apesar de as parcerias não serem exatamente uma prática nova, pois existem iniciativas anteriores, como o Wikileaks¹, a colaboração e a cooperação são fortalecidas pelo contexto da conectividade. A prática de jornalismo de dados, por exemplo, é um processo de apuração mediado por ferramentas digitais para a extração, combinação, análise e interpretação de informações.

O jornalismo de dados está associado a pautas que investigam dados e documentos públicos, com metodologias de apuração em planilhas a técnicas de apuração em profundidade, com descrição ambiental e entrevistas. Lima (2022) relembra que parte da representação da pandemia aconteceu por meio do jornalismo de dados, com foco no *Big Data* como volume, velocidade e variedade de informações. A comunicação do jornalismo de dados costuma envolver infografia, quadros e recursos interativos.

4 Percurso metodológico

Este artigo adota como instrumento de pesquisa a entrevista semiestruturada, à luz da análise de conteúdo categorial (Sampaio; Lycarião, 2021). A técnica visa especificar a sistematização dos procedimentos capazes de produzir inferências válidas sobre determinados conteúdos. Portanto, a partir da transcrição das falas, foi feita a descrição e interpretação para contextualizar o objeto Consórcio de Imprensa.

A hipótese a ser verificada a partir das falas dos jornalistas entrevistados é que a viabilização do trabalho conjunto de redações no Consórcio de Imprensa para dados de covid-19, que uniu o ethos de serviço público com o potencial da transparência pública digital, se fortaleceu em função do uso e apropriação de ferramentas digitais compartilhadas.

Foram entrevistados o jornalista Daniel Bramatti, editor do jornal O Estado de São Paulo, em 3 de novembro, a jornalista Flávia Faria, editora de jornalismo de dados, no jornal

¹ Linha do tempo mostra batalha judicial do WikiLeaks ver CNN Brasil (2024).

Folha de São Paulo, em 06 de novembro, e Thiago Reis, editor do núcleo de jornalismo de dados do portal G1 e TV Globo, em 30 de novembro. As conversas foram realizadas por telefone e gravadas no próprio celular com autorização dos jornalistas, em 2021.

As entrevistas foram conduzidas a partir de um roteiro de perguntas abertas e amplas que versaram sobre o que é o consórcio, o funcionamento, os desafios operacionais e o significado desta atividade durante a pandemia. As entrevistas foram transcritas para textos no drive da Google e salvas em um documento word que serve de base para a interpretação a seguir. A partir do embasamento teórico, a análise do conteúdo será guiada para a interpretação das noções de transparência pública, jornalismo colaborativo e ferramentas digitais, que irão forjar o agrupamento categorial de sentidos a serem sistematizados e contextualizados.

Ao todo foram gravados 120 minutos de entrevista, com uma média de 40 minutos de duração para cada jornalista participante. O objetivo da interpretação categorial é identificar como o trabalho do consórcio foi operacionalizado destacando a intersecção de ferramentas digitais e a prática da produção colaborativa no jornalismo de dados.

5 Análise de conteúdo categorial

A análise de conteúdo categorial sistematiza o conhecimento expresso pelo material analisado a partir da codificação que emerge do embasamento teórico. Como um texto não pode ser interpretado de uma maneira única, o quadro de codificação é um instrumento que conforma os dados em uma determinada análise.

Quadro 1 - Livro de códigos

Categoria	Indicador	Indicador	Indicador	Indicador
Transparência	Dados de covid-19	LAI	Direito à informação	Opacidade
Jornalismo	Veículos de Imprensa	Colaboração	Apuração	Papel Social
Tecnologia	Ferramentas digitais	Colaboração	Aparatos de mobilidade	Planilhas de dados

Fonte: Elaborado pelos autores.

A categoria transparência, neste artigo, indica os elementos associados à transparência de Estado que se manifesta por meio da publicização de dados sobre a covid-19,

o que se mostra como oposto à opacidade do poder, quando o acesso à informação pública, garantido pelo direito à informação, é descumprido.

A categoria jornalismo adota como indicadores os sentidos evidenciados a partir da prática de produção noticiosa desde veículos de imprensa constituídos como praticantes do jornalismo profissionais e vinculados a empresas de legado, proprietárias de conglomerados de comunicação de massa no Brasil. Deste lugar serão considerados os novos sentidos de colaboração na apuração, mesmo diante da concorrência, diante do desafio de cumprir o papel social na prestação de serviço à população.

A terceira categoria agrupa as questões associadas à tecnologia digital, entre as quais se sobressaem as ferramentas de trabalho para a produção e apuração jornalística. O ambiente de convergência digital e mobilidade (Hill; Bradshaw, 2018) impõe a adaptação a novos modos de trabalhar, muitas vezes dependentes de grandes grupos de tecnologia e plataformas digitais para todo ciclo de vida das notícias (Bell *et al.*, 2017).

6 Análise categorial: transparência, jornalismo e tecnologia

A seguir cada uma das categorias será desdobrada a partir da descrição, interpretação e citação de falas extraídas da íntegra das entrevistas. Os sentidos em comum evidenciados nas falas serão destacados e problematizados. Os indicadores do livro de código são norteadores da análise para que a interpretação responda ao objetivo posto neste artigo e a sistematização amplie o conhecimento sobre as novas práticas do jornalismo.

Flávia Faria (2021)² falou pela editoria de dados do jornal Folha de São Paulo. Quando a pandemia de covid se instalou, o núcleo funcionava no jornal com sete pessoas, entre jornalistas, infografistas e um cientista de dados. “O trabalho é focado em análise de dados para as matérias do jornal. Às vezes, nós temos ideias e sugerimos outras vezes somos demandados”, conta Flávia.

O jornalista Thiago Reis (2021)³, que em 2021 trabalhava havia doze anos no portal G1, atuou como coordenador do núcleo de jornalismo de dados e projetos especiais do site, da TV Globo e da Globo News. Ele cuidava do *Fato ou Fake*, serviço de verificação de *fake news*, que envolve diversos veículos do grupo. Também coordenava o *Monitor de Violência*, que integra o jornalismo profissional, a academia e uma organização não governamental. No

² Textos de Flávia Faria ver Faria (2021).

³ Informações sobre currículo de Thiago Reis ver Reis (2021).

consórcio de imprensa, ele participou da criação da planilha e da divisão dos Estados entre as redações.

Pelo O Estado de São Paulo, o entrevistado foi o jornalista Daniel Bramatti ⁴(2021) que no dia da entrevista atuava no jornal desde 2008. Ele lembrou que em 2012 ajudou a criar o núcleo de jornalismo de dados do jornal, o *Estadão Dados*. Além de coordenar a editoria de dados, ele também liderou o *Estadão Verifica*, núcleo de checagem de *fake news*. Bramatti ficou conhecido como o “rei da planilha” pelos colegas do consórcio de imprensa pela facilidade em lidar com a ferramenta digital.

7 Transparência

Os sentidos de transparência na fala dos jornalistas entrevistados podem ser agrupados em duas subcategorias: transparência do governo, em apresentar os dados, e transparência da imprensa, para receber e tratar estes dados. A primeira diz respeito ao fato da opacidade do governo ter provocado a iniciativa do consórcio. A segunda versa sobre o fato de o trabalho colaborativo ser cobrado em termos de metodologia transparente de trabalho.

A partir da fala dos jornalistas é possível depreender que a transparência do consórcio é sobreposta à transparência do governo. Os veículos de imprensa oferecem acesso aos dados que o governo esconde, mesmo que a base de dados de ambos seja a mesma: as informações coletadas por prefeituras e governos estaduais. É uma estratégia que valoriza o trabalho do jornalismo, frente à oposição do governo. São escolhas que situam a transparência mais no jornalismo que no governo.

7.1 Transparência do governo

Para Thiago Reis, do G1, o consórcio nasce diante da decisão do governo como uma “[...] grave violação de transparência dos dados e serviço à população”. Reis enfatizou que existem problemas de transparência em todos os governos: “A transparência exige uma luta quase diária, nós estamos completando dez anos de LAI que foi uma super conquista, mas é de pouquinho em pouquinho”.

⁴ Informações sobre o currículo de Daniel Bramatti ver Bramatti (2021).

Mas a questão da transparência já era uma causa para Reis antes da pandemia. Ele conta que trabalhava com a lei de acesso (LAI) e com o monitoramento de dados públicos desde muito antes. Um dos exemplos citados é o *Monitor da Violência* que surgiu pela deficiência de divulgação dos dados sobre assassinatos no país e possibilitou um indicador de homicídios atualizado mensalmente no G1. “Quando veio o consórcio, eu vi correlação em sanar uma questão de transparência de um ente governamental”, claro que com o peso da parceria inédita de veículos concorrentes.

Bramatti lembrou que quando o consórcio foi lançado, o governo recuou e passou a divulgar os dados no horário previsto. Apesar disso, ele conta da decisão de manter o trabalho ativo “[...] porque o governo poderia mudar de ideia de novo e nós ficaríamos sem esses dados”. Para o jornalista “[...] a ação do consórcio obrigou o governo a ser transparente porque ele percebeu que perdeu o controle, não tinha mais a chave do cofre”.

Para Flávia, da FSP, o balanço do consórcio foi positivo justamente porque supriu as informações que, segundo ela, o governo federal sonegou. A jornalista acredita que o papel de divulgar dados eficientes e transparentes era do Estado e não necessariamente da imprensa. “A imprensa poderia ter denunciado a sonegação dos dados e estaria também cumprindo seu papel social, mas foi além disso para garantir a informação correta”.

7.2 Transparência do consórcio

Sobre a transparência do trabalho do próprio consórcio, fica evidente o deslocamento da transparência do Estado para a imprensa. Os veículos assumem um lugar de dar visibilidade a informações, papel que deveria ser do governo. Apesar disso, Flávia reconhece que existiu uma demanda por mais transparência sobre o consórcio, mas, apesar de não ter participado de nenhuma discussão sobre a questão, acredita que o consórcio deu transparência para os seus atos e metodologias. Questionada se houve a discussão sobre centralizar em um único site o conjunto dos dados de covid-19, Flávia entendeu que não seria interessante porque os leitores não acessariam os veículos e, portanto, haveria desvio de tráfego de acesso dos leitores.

Para Reis, o trabalho em conjunto do consórcio foi mostrado à população nos espaços de notícias. Reis afirma que não faria sentido ter uma página central do consórcio porque desde o início houve o entendimento de que os próprios veículos dariam conta disso. O jornalista afirma que o trabalho colaborativo é de coleta destes dados, mas a decisão de texto

e formato de divulgação é dos veículos. “No G1 a gente fez o texto de metodologia que explica o que é a mídia móvel, o que é o consórcio e vai no pé de todas as reportagens sobre covid e a gente deixa claro isso”.

8 Jornalismo

O sentido jornalístico que se sobressai nas falas dos entrevistados diz respeito ao trabalho colaborativo e ao papel social que legitima a imprensa como mediadora entre o Estado e a sociedade. Nesta linha, consideramos duas subcategorias: colaboração e legitimação. A primeira que expressa a união de veículos concorrentes em nome de uma função social mais elevada, enquanto a segunda que reforça a importância da imprensa mediadora na democracia.

O jornalismo colaborativo está intrinsecamente associado à relação entre jornalismo e democracia. Esta correlação é traçada de modo a valorizar o trabalho dos veículos de comunicação, que abriram mão de uma concorrência pelos dados em prol de um objetivo comum. A divulgação deste trabalho conjunto em comum acontece de modo a valorizar a produção do Consórcio de Imprensa, demarcando a posição dele diante do governo de plantão, com a democracia associada ao primeiro e o autoritarismo ao segundo.

8.1 Jornalismo colaborativo

O jornalismo colaborativo, para este grupo de jornalistas, pode ser delimitado pela coleta e apuração em comum. Houve uma organização inicial de tarefas e a sistematização do trabalho para que cada redação fizesse uma parte do trabalho. Bramatti, do Estadão, contou que o processo era baseado em uma colaboração online em uma planilha eletrônica do Google Drive, que possuía diversos campos a serem preenchidos pelas equipes.

Cada veículo ficou responsável por um grupo de Estados. A coleta de dados era feita diretamente nas secretarias estaduais de saúde. Inicialmente a coleta era de casos da doença e óbitos, mas a planilha foi crescendo para dar conta de dados de vacinação, doses ministradas, população atendida, entre outras informações relevantes.

Flávia, da FSP, reforça que os veículos que trabalharam juntos no lançamento do consórcio mantiveram-se os mesmos ao longo de dois anos, não houve desistência, nem rompimento por parte de nenhum grupo de mídia. A colaboração e orquestração do trabalho

foi ressaltada pelo cumprimento à risca das rotinas e dos horários estabelecidos. Flávia, que iniciou na reportagem e coleta de dados e depois assumiu a coordenação durante o consórcio, conta que, no começo, o processo envolvia publicação de três boletins, às 8h, às 13h e às 20h, com coleta de dados em horários diferentes, mais à frente, quando os casos começaram a reduzir, a consolidação passou a ser realizada uma vez por dia, às 20h.

Flávia também destacou que o consórcio proporcionou a colaboração para além da coleta de dados, já que as informações conjuntas foram o material bruto de reportagens publicadas nos veículos. “Fizemos uma sobre os Estados não divulgarem o perfil racial e sexo das vítimas. Fizemos outra sobre o problema de atualização nos dados de vacina. O consórcio apura nos seus Estados e o texto cada um faz o seu”.

Este trabalho colaborativo aconteceu em um momento em que a população mais precisava do jornalismo, segundo Reis. “A regra básica do jornalismo que é promover transparência e fornecer um serviço essencial para a população, maior que a concorrência existia algo grave em risco e precisava ser suprido”, diz Reis. A decisão de adotar no texto jornalístico o cálculo da média móvel nasceu desta troca entre jornalistas no consórcio. Thiago conta que o repórter Felipe Grandin falou com especialistas e sugeriu a adoção deste padrão estrutural. Em conjunto, houve o consenso de adotar este balanço de sete dias e não mais a soma dia a dia, em função da distorção de computação dos dados entre o final de semana e os dias de semana.

Sobre a colaboração, Bramatti entende que o consórcio planta uma semente que pode gerar muitos frutos, pois para ele o modelo pode ser repetido em situações que seja favorável trabalhar em conjunto. Bramatti se diz defensor desta forma colaborativa de trabalho, diante da inviabilidade de fazer a apuração de dados a respeito da covid em todos os Estados com o trabalho individual de cada jornalista.

8.2 Jornalismo e democracia

Apesar do termo democracia aparecer como pano de fundo em algumas falas dos entrevistados, não há um aprofundamento para além da defesa da prática profissional e da legitimação do jornalismo na democracia. Flavia pontua que para ela há a emoção, de uma forma gratificante, em fazer parte do trabalho em conjunto, pois quando “[...] veículos concorrentes se unem e dizem vamos buscar informação para que você não fique

desamparado, é um momento histórico diante de um ato antidemocrático do governo sonegar dados”.

Para Bramatti, esta iniciativa teve como bandeira o interesse público acima de tudo, da concorrência entre veículos inclusive. Neste aspecto, o consórcio fez a defesa democrática do direito de acesso à informação, “[...] ainda mais quando o acesso à informação correta pode orientar uma decisão do indivíduo que vai impedir que ele tenha a doença”, afirma o jornalista. Para Bramatti, a informação não pode ser sonegada ao público, pois se trata de uma violência não só contra o jornalismo, mas contra a cidadania e a sociedade.

9 Tecnologia

A tecnologia permeia a iniciativa, pois as ferramentas digitais foram os meios através dos quais foi possível criar uma rotina de trabalho colaborativo. Há pelo menos duas perspectivas nesta categoria que podemos agrupar em subcategorias: tecnologia processual e tecnologia de comunicação.

A produção jornalística está cada vez mais permeada pelas tecnologias, mas o que podemos observar foi que a comunicação remota, em especial, em aplicativos mensageiros como o WhatsApp, funcionou como mediadora da gestão e operação do consórcio. As novas dinâmicas jornalísticas não apenas usam o suporte tecnológico, mas tornam-se dependentes dele.

9.1 Tecnologia processual

Nesta subcategoria destaca-se a centralidade da ferramenta planilha, chamada Google Sheets, armazenada online. Foi por meio da conexão de uma conta compartilhada entre os integrantes do Consórcio que foi possível fazer a gestão do processo de trabalho e criar uma rotina padrão. Thiago, que participou da criação da planilha, lembrou que foi rápida e fácil a criação: “Claro que um dia ou outro uma pessoa tinha dificuldade e a gente explicava pra ela, mas foi bem tranquilo isso para se organizar”.

Flávia pontuou que a padronização foi importante até para o relacionamento com as secretarias que eram as fontes dos dados, pois “[...] tivemos de desenvolver um papel de conscientização nas secretarias para que elas soubessem qual o formato que nós precisamos para receber os dados”. Flávia conta que tudo funcionava na planilha e tinham alguns

processos automatizados para recuperação e leitura dos balanços dos dados, como o valor consolidado dos números.

Thiago ponderou que a planilha do Google Sheets ficou pesada porque em um certo momento do trabalho houve muitas pessoas com acesso e muitos dados acumulados. “Teve um momento em que lotou e a gente teve que criar uma nova planilha”. Também aconteceu de uma pessoa preencher errado e ter retrabalho de deletar e preencher de novo, mas “[...] o consórcio tem o Bramatti, que é o rei da planilha, qualquer coisa que acontece ele dá um jeito e conserta as coisas”, enfatizando o valor atribuído pelo grupo à habilidade técnica de manipular ferramentas.

9.2 Tecnologia de comunicação

Trabalhar com um grupo heterogêneo e na modalidade remota requer um alinhamento e coordenação bem apurados. Para isso, foram criados dois grupos no WhatsApp, um para todos os envolvidos em todas as redações, outro apenas para os coordenadores de cada jornal. Bramatti explicou que o grupo de coordenação “[...] discute questões administrativas e institucionais”, mas tinha um grupo no qual participavam todos os jornalistas que ajudam a alimentar a planilha.

Era num destes grupos que era passado o aviso sobre o “congelamento”, ou seja, o momento em que a apuração cessava para que fosse emitido o boletim do dia. O termo congelar tem uso no sentido figurado, mas é o momento em que os dados da planilha geral de apuração eram atualizados em uma outra aba do documento que se chamava boletim, onde era feito o cálculo automático padrão. Thiago conta que o maior desafio para ele era repassar os dados corretos para as redações dos telejornais da emissora quando havia três fechamentos no dia, pois o primeiro fechamento atendia ao telejornal Bom Dia Brasil e o último ao Jornal da Globo. Então ele decidiu criar um outro grupo no WhatsApp para os editores dos telejornais da TV Globo, G1 e Globo News: “[É] por lá que eu repasso recados do consórcio e eles também podem tirar dúvidas”.

Flávia, da FSP, afirmou que num primeiro momento desconfiou do processo colaborativo com tanta gente envolvida. “Quando me disseram vai ter um consórcio e todo mundo vai atualizar uma mesma planilha, eu disse, ‘gente isso não vai dar certo’, mas eu me surpreendi. O trabalho diário dá certo, funciona e é muito colaborativo”, destacou a jornalista a respeito do amplo acesso de profissionais de forma compartilhada à planilha.

10 Conclusão

As entrevistas com jornalistas do Consórcio dos Veículos de Imprensa (grupos Estado, Folha e Globo) apontam para a centralidade de ferramentas digitais online na operacionalização da rotina produtiva colaborativa do consórcio, pois a planilha de apuração tornou-se o meio de trabalho e conexão ubíqua entre redações e profissionais distantes fisicamente. A planilha, como repositório das informações coletadas com cada órgão de saúde nos Estados, em conjunto com o acionamento de plataformas digitais, como o mensageiro WhatsApp, ampliou horizontes de trabalho conjunto de uma coletividade que estava distante fisicamente.

Concluimos, a partir dos depoimentos dos profissionais, que o arranjo colaborativo entre as redações só foi possível pela disponibilidade da tecnologia ubíqua e também das competências profissionais instaladas, em especial, com jornalistas que já estavam imbuídos da “ética *hacker*”, que compartilhavam o entusiasmo com ferramentas digitais e as possibilidades de cooperação, porque eram praticantes do jornalismo de dados. Nas falas, foi possível ainda perceber uma naturalização do uso de ferramentas digitais oferecidas pelas Big Techs nas rotinas produtivas, sem criticidade sobre a opacidade das plataformas proprietárias pertencentes à Meta e ao Google.

Outro sentido expresso nas falas dá a ver a transparência como centro da disputa entre os veículos e o governo. Os jornalistas representam isso em suas falas para retratar a luta pelos dados relacionados a covid-19. Expor-se como defensores da transparência e com o governo no campo adversário como apoiadores da opacidade é um movimento que os entrevistados realizam para defender a busca por acessar informações sobre vida e morte, bem como a fiscalização do poder. Neste aspecto, as ideias dos jornalistas dialogam com o biopoder de Foucault e infopoder de Koopman, porém com uma percepção de que as competências técnicas dos especialistas se mostraram ainda mais relevantes diante de uma ameaça autoritária que bloqueou acesso aos dados, neste caso representada pelo governo de Jair Bolsonaro na ocultação dos dados relacionados a covid-19.

Diante destes pontos de vista, a prática colaborativa pode ser interpretada como fundamental para defender o jornalismo e a democracia, representado na ação do Consórcio dos Veículos de Imprensa, permitida especialmente por ferramentas tecnológicas para acessar, tratar, expor e comunicar os dados. As tecnologias de produção e de comunicação

foram centrais para a operacionalização do processo de trabalho conjunto, em especial diante das condições sanitárias da pandemia.

As declarações dos jornalistas apontam para uma abertura de caminhos que permitam pensar uma prática profissional que considere de forma apropriada a natureza dual, como viés cidadão e comercial. O Consórcio permite vislumbrar ações, posicionamentos e práticas, mesmo no interesse empresarial, imbuídas de interesse coletivo, no interesse público, que representem um jornalismo pela e para a cidadania, contribuindo para a qualificação da democracia.

Referências

ALMADA, Maria Paula *et al.* **Democracia digital no Brasil**: obrigação legal, pressão política e viabilidade tecnológica. *MATRIZES*, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 161-181, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v13i3p161-181>. Acesso em: 22 nov. 2024.

BARBOSA, Suzana (org.). **Jornalismo digital de terceira geração**. Covilhã: Labcom, 2007.

BELL, Emily J. *et al.* A imprensa nas plataformas: como o Vale Silício reestruturou o Jornalismo. **Revista de Jornalismo ESPM** [ed. brasileira da **Columbia Journalism Review**], São Paulo, n. 20, p. 48-83, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.7916/D8D79PWH>. Acesso em: 22 nov. 2024.

BOBBIO, Norberto. **Democracia e segredo**. São Paulo: Ed. Unesp, 2015a.

BOBBIO, Norberto. **O futuro da democracia**: uma defesa das regras do jogo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015b.

BOUÇAS, Cibelle. Audiência de TV é a maior em cinco anos. **O Valor**, Rio de Janeiro, 2 abr. 2020.

BRAMATTI, Daniel. **[Currículo]**. Brasil, 3 nov. 2021. LinkedIn: Daniel Bramatti.

BRENOL, Marlise Viegas. Jornalismo e transparência pública digital: aliados pela qualidade do debate público. **Intexto**, Porto Alegre, n. 52, p. 1-20, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.19132/1807-8583202152.94992>. Acesso em: 22 nov. 2024.

BRENOL, Marlise Viegas; WEBER, Maria Helena. Interesse público e política na prática do jornalismo de dados no Brasil. *In*: ENCONTRO ANUAL - COMPÓS, 29., 2020, Campo Grande. **Anais [...]**. Brasília: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2020.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CNN BRASIL. Linha do tempo mostra batalha judicial do WikiLeaks. **Portal CNN Brasil**, São Paulo, 20 maio 2024.

FARIA, Flávia. [Currículo]. Brasil, 6 nov. 2021 LinkedIn: Flávia Faria.

FENSTER, Mark. Transparency in search of a theory. **European Journal of Social Theory**, Thousand Oaks, v. 18, n. 2, p. 150-167, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1368431014555257>. Acesso em: 22 nov. 2024.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. Lisboa: Edições 70, 2021.

G1. Veículos de comunicação formam parceria para dar transparência a dado de covid-19. **Portal G1**, Rio de Janeiro, 8 jun. 2020.

GARCIA, Gustavo. “Acabou matéria do Jornal Nacional! diz Bolsonaro sobre atraso na divulgação de mortos por coronavírus. **Portal G1**, Rio de Janeiro, 5 jun. 2020.

HILL, Steve; BRADSHAW, Paul. **Mobile-first journalism: producing news for social and interactive media**. London: Routledge, 2018.

KOOPMAN, Colin. Infopolitics, biopolitics, anatomopolitics toward a genealogy of the power of data. **Graduate Faculty Philosophy Journal**, Charlottesville. 39, n. 1, p. 103-130, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5840/gfpj20183914>. Acesso em: 22 nov. 2024.

LIMA, Raíza Tourinho dos Reis Silva. E agora, em quem podemos confiar? A ciência nos especiais sobre a pandemia por covid-19 do Nexo Jornal. *In*: PATRÍCIO, Edgard. **Transformações no mundo do trabalho do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2022.

NOVECK, Beth Simone. **Open data: the future of transparency in the age of big data**. *In*: POZEN, David E.; SCHUDSON, Michael (ed.). **Troubling transparency: the history and future of freedom of information**. New York: Columbia University Press, 2018.

NOVECK, Beth Simone. Is open data the death of foia? **The Yale Law Journal**, New Haven, v. 126, p. 273, 2016.

PORTER, Theodore. Focus article: measurement, objectivity, and trust, measurement. **Interdisciplinary Research and Perspectives**, London, v. 1, n. 4, p. 241-25, 2003. Disponível em: https://doi.org/10.1207/S15366359MEA0104_1. Acesso em: 22 nov. 2024.

RAMOS, Giovanni Ricardo. **Jornalismo de proximidade em rede: proposta para criação de modelos de negócios**. 2023. Tese (Doutorado) - Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2023.

REIS, Thiago. [Currículo]. Brasil, 30 nov. 2021 LinkedIn: Thiago Reis.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação**. Brasília: Escola Nacional de Administração Pública, 2021.

SP1. Anúncio da primeira morte por covid-19 completa um ano. **Portal G1**, São Paulo, 17 mar. 2021.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística, uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

TRÄSEL, Marcelo. Dados - uso de dados na apuração. *In*: Zamin, Angela; Schwaab, Reges (org.). **Tópicos em Jornalismo**: redação e reportagem. Florianópolis: Insular, 2021.

TRÄSEL, Marcelo. Hacks and hackers: the ethos and beliefs of a group of Data-Driven Journalism professionals in Brazil. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 1-14, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2018.1.27589>. Acesso em: 22 nov. 2024.

VÁZQUEZ-HERRERO, Jorge *et al.* **Total Journalism**: models, techniques and challenges. New York: Springer, 2022.

Press Consortium for covid-19 data: digital tools as drivers of collaboration culture in data driven journalism

Abstract

This article addresses the formation of the Press Consortium for covid-19 data in Brazil, when in June 2020, during Coronavirus pandemia, a group of journalism vehicles joined together in collaborative assignment to overcome the lack of information from the Brazilian Ministry of Health. The methodology is categorical content analysis of semi structured interviews with three journalists who were in charge of the consortium's operation in their respective newsrooms, O Estado de São Paulo, G1 and Folha de S. Paulo. The theoretical concepts include state transparency in democracy and the press and collaboration in journalism. The objective is to identify how the consortium's work was operationalized, highlighting the intersection of digital tools and the practice of collaborative production in data journalism. The result points to the centrality of digital cloud tools for collaborative data journalism.

Keywords

digital tools; public transparency; press consortium; covid-19 pandemia; data driven journalism

Autoria para correspondência

Marlise Viegas Brenol
marlisebrenol@gmail.com

Como citar

BRENOL, Marlise Viegas; ROCHA JÚNIOR, Carlos Augusto de França. Consórcio de Imprensa para dados de covid-19: ferramentas digitais como impulsionadoras da cultura da colaboração no jornalismo. **Intexto**, Porto Alegre, n. 57, e-140935, 2025. DOI: <https://doi.org/10.19132/1807-8583.57.140935>

Recebido: 25/06/2024

Aceito: 21/11/2024



Copyright (c) 2025 Marlise Viegas Brenol, Carlos Augusto de França Rocha Júnior. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.